

## Relato

### **Extensão: fazendo romper as fronteiras da sala de aula**

Extension Activities: making the boundaries of the classroom shatter

*Letícia Pereira de Andrade<sup>1</sup>*

### **Introdução**

Geralmente aprendemos a ler durante a primeira série do Ensino Fundamental. Dizemos então, de “boca cheia” para todos os nossos conhecidos, que já sabemos ler. Até então, para a nossa vida escolar, é uma das nossas maiores conquistas. Lemos tudo o que nos é apresentado para que notem as nossas habilidades de leitura. Entretanto, será que lemos, ou apenas decodificamos as letras escritas nas pequenas frases ou textos? O que é ler de verdade?

Quando a criança entra na escola, ela já traz consigo uma experiência de leitura que deve ser articulada com outras, para o enriquecimento do seu conhecimento. A leitura faz parte da criança no seu fazer diário, através das brincadeiras, jogos, músicas, faz de contas, desenhos, observações do meio ambiente, construções no espaço, etc. E os professores devem incentivar as crianças a continuarem ampliando suas leituras, para que se concretize o hábito de ler.

Para uns ler é um prazer, um vício, uma necessidade, para outros é uma imposição, normalmente desagradável (da escola ou da profissão), uma verdadeira “dor de cabeça”. Ler vai além da mera decodificação de sinais gráficos... é “produzir sentido”. De acordo com Freire<sup>1</sup>, “(...) O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita (...) A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Dessa forma, o indivíduo, ao fazer-se leitor, não só compreende a sociedade com maior alcance intelectual, mas pode ampliar a sua visão de mundo como um todo.

Estamos em pleno século XXI e a maioria da população ainda se encontra em um estágio muito inferior em se tratando do hábito de ler. Por isso, torna-se fundamental em um país como o nosso,

### **Resumo**

No ano de 2004, iniciou-se na Escola Estadual Edwirges Coelho Derzi, no município de Deodópolis – MS, um Projeto de Extensão intitulado “Rompendo as fronteiras da sala de aula”, cujo objetivo era fazer com que as crianças desenvolvessem a leitura, sua capacidade de expressar-se, de usar o raciocínio, de compreender o mundo e investigá-lo desde os primeiros anos de escola. Este relato de experiência busca refletir sobre a importância de o educador investir na formação de novos leitores, numa concepção de que a leitura pode ser empregada como mecanismo de lazer, cultura e formação.

**Palavras-chaves:** extensão; escola; leitura.

Área temática: Educação

Linha da extensão: Alfabetização, leitura e escrita.

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS  
Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS  
leticia@uems.br

darmos enfoque ao hábito da leitura. Desenvolver o hábito e o gosto pela leitura, e fazer perceber a sua importância numa sociedade letrada, tem sido uma grande dificuldade encontrada pelas pessoas.

“Os alunos não gostam muito de ler”. Esta é uma opinião partilhada por muitos professores brasileiros. Também na Escola Estadual Edwirges Coelho Derzi se pensava assim, antes do Projeto de Extensão “Rompendo as fronteiras da sala de aula”. No ano letivo de 2004, tendo a responsabilidade de alfabetizar, naturalmente esta questão se tornou uma das minhas preocupações centrais. E foi neste quadro que decidi, juntamente com a coordenação do curso Normal Superior e outros professores, elaborarem um “projeto”, denominando-o “Rompendo as fronteiras da sala de aula”. Assim, na Escola Estadual Edwirges Coelho Derzi, nasceu um espaço físico denominado “Cantinho da Leitura” que rompeu as fronteiras da sala de aula: gramado, em meio às árvores e privilegiado na perspectiva de dar relevo à função formadora da leitura na escola, onde cada professor, independente da área de conhecimento, teria a oportunidade de desenvolver um “subprojeto”, o qual auxiliaria o trabalho de fazer com que os alunos construam suas próprias leituras.

O objetivo central desse projeto de extensão era fazer com que as crianças tomassem gosto pela leitura o mais cedo possível, pois cremos que quanto mais cedo elas adquirirem esse hábito, melhor será o seu desenvolvimento escolar, sua capacidade de expressar-se, de usar o raciocínio, de compreender o mundo e investigá-lo.

Com a experiência de quatro anos de projeto, percebemos que só se consegue “romper as fronteiras de sala de aula”, caso todos participem: escola e família. Para tanto, é mister que haja a interdisciplinaridade, visto que toda área do conhecimento depende da linguagem para se comunicar e interagir, seja ela verbal ou não-verbal. Também, é necessário que o próprio professor se veja enquanto um sujeito-leitor, dando valor à “Hora do Conto” – um subprojeto no qual, por exemplo, pessoas externas à escola participam. Enfim, uma coisa é certa, criar hábitos de leitura não é tarefa fácil. Há que se unir esforços, especialmente entre a escola e a família, para que as crianças sintam os encantos da leitura.

É o que se pretende ao longo deste texto de experiência vivida, demonstrar aos leitores a

relevância do educador investir na formação de novos leitores, numa concepção de que a leitura pode ser empregada como mecanismo de lazer, cultura e formação.

## **Relato de experiência**

### **Cantinho da Leitura e a Interdisciplinaridade**

O nascimento do “Cantinho da Leitura” deu muito que falar na Escola Estadual Edwirges Coelho Derzi... Isso porque ele é irmão gêmeo da Interdisciplinaridade! Deu muito trabalho para os organizadores do projeto, reunir os professores de diferentes áreas do conhecimento, à visita de chegada desses “bebês”.

Muitos não foram nem olhar! Mas quando os bebês começaram a engatinhar, todos resolveram pegá-los no colo. Assim, começamos a desenvolver atividades fazendo a interrelação com todas as áreas do conhecimento.

Com tão pouco tempo de desenvolvimento do projeto, percebemos que um dos instrumentos imprescindíveis para uma formação geral e que possibilite cidadãos críticos, autônomos e atuantes, nesta sociedade em constante mutação, seria a prática de leituras variadas que promova, de maneira direta ou indireta, uma reflexão sobre o contexto social em que estão inseridas, uma vez que o movimento dialético da leitura deve inserir o leitor na história deste milênio e o constituir como agente produtor de seu próprio futuro.

De maneira geral, o exercício da leitura, tal como se fazia nessa escola anteriormente, não ia além de mera decodificação de signos gráficos. E tal postura, como sabemos, transforma o ato de ler enfadonho, acrítico, mecânico e, dessa forma, distante de uma categoria que una o ato de ler ao prazer, que permita a leitura como fonte de lazer, de informação e aprendizagem.

Como já salientado em outras linhas, está sendo detectado por meio do “Cantinho da Leitura” que se pode atribuir aos estudos de prática de leitura uma dimensão interdisciplinar, haja vista que ler deve estar associado a ação simbólica sobre o mundo, onde o aluno consiga constituir-se como um sujeito que pensa, sente e dialoga, como diz Lajolo *apud* Geraldi<sup>2</sup>

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado,

conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, de entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Deste modo, ler é produzir sentido, é estar contextualizado no texto, interpretando-o e atribuindo-lhe algum significado. Portanto, torna-se importante a criação de situações, como por exemplo, uma organização de “feiras culturais”, com participação da sociedade, onde os alunos possam compartilhar suas experiências de leituras, para que o exercício da leitura produza reações, interação, e construção de subjetividade e conhecimento, não servindo apenas como uma atividade meramente de decodificação dos sinais gráficos, alienando os alunos do contexto em que estão inseridos.

Aliado a essa interação com o meio, as relações no processo de construção da linguagem devem seguir algumas técnicas que tornarão o ensino mais agradável e produtivo, dentre as quais podemos citar algumas, como por exemplo, num espaço fora da sala de aula, como o “Cantinho da Leitura”, pode-se: organizar a “Hora do Conto” trazendo avós, vizinhos, parentes; concursos de frases, poesias, dramatizações, maquetes geográficas e experiências científicas; expor trabalhos sobre o patrimônio cultural, trabalhos com imagens, produções de textos, caminhada de leitura, atividades com rótulos, texto coletivo, notícias de jornal, jogos de matemática, de rimas, músicas, mapas, atividades com ORIGAMI; realização de atividades com bulas de remédios (com a troca de informações, experiências e conselhos); exploração de receitas culinárias; criação de caixinhas de remédios e elaboração de bulas com base em algum medicamento natural conhecido; e outras atividades realizadas de acordo com a criatividade.

Sob este prisma da leitura como processo discursivo e de produção de sentido, percebe-se que o projeto englobou todas as disciplinas e todos os níveis de ensino, onde através da apropriação do conhecimento historicamente constituído, o aluno insere-se nessa construção e produção do conhecimento como elemento nuclear.

Dessa forma, não convém obrigar o público infantil a reproduzir exercícios de fixação, do tipo “siga o modelo”, mas sim, proporcionar práticas de

leitura em contextos significativos que estabeleçam uma estreita familiarização com todo um suporte de materiais escritos disponíveis, existentes na realidade circundante: livros, jornais, revistas, publicidades, e-mails, *blogs*, dentre outros recursos.

Com essa concepção, a leitura não pode estar associada somente ao livro de literatura, e muito menos ao livro didático, que tradicionalmente transmite um conhecimento fragmentado, alienado e alheio à realidade dos alunos, mas também a vários outros tipos de textos, sejam eles escritos ou não.

Com olhar ativo e crítico, através da multiplicidade de linguagem, será possível auxiliar o aluno na construção do conhecimento, que o faça entender-se não apenas como produto, mas, acima de tudo, como partícipe da construção da história da coletividade, e também como agente de transformação de uma realidade que não é estática, mas dinâmica e suscetível a constantes mudanças.

Na criação e formação de sua própria identidade, o público da educação infantil e séries iniciais precisam ser estimulados: criando-se fantasias, despertando o seu potencial imaginativo, aflorando seu pensamento infantil e sua capacidade intuitiva para a realidade circundante.

### **Cantinho da Leitura e a “Hora do Conto”**

No “Cantinho da Leitura”, a “Hora do Conto” é qualquer hora: no recreio, nas aulas vagas, nas aulas de história, língua portuguesa, sobretudo, na hora em que aparece algum participante especial: avô, vizinho, papai, mamãe. É o momento do diálogo com outros leitores, ou seja, é o momento em que se reconta a história que leu; que se discute com as outras pessoas o texto que leu, aproveitando as idéias novas que surgirem. Aliás, quem conta um conto sempre aumenta um ponto.

Percebemos que esse momento de discussão de um texto qualquer, mas de interesse da criança, desenvolve nesta o senso crítico, construindo-se um ser independente. O leitor precisa estabelecer um diálogo com o texto e dele tirar proveito. Nesse sentido, cremos que o “Cantinho da Leitura” é um lugar privilegiado onde possa se desencadear o gosto pela leitura, pois na “Hora do Conto”, os alunos e educadores contam, dialogam, por exemplo, sobre: algo interessante que aconteceu no fim de semana; a matéria que passou no Globo Repórter; contos infantis, etc.

E tratando-se de literatura infantil, o indivíduo também deve ser capaz de refletir sobre o escrito, permitindo-se fazer uma relação entre o real, o ideal e a fantasia, tirando suas próprias conclusões, criando novos conceitos de ver e sentir a realidade. Pois como afirma Coelho<sup>3</sup>:

[...] alguns dados extraliterários [...] são fundamentais [...] para uma leitura crítica avaliadora dessa literatura nova, que, sem deixar de ser um instrumento de emoção, diversão ou prazer, poderá auxiliar, e muito, a tarefa da educação, no abrir caminho aos que estão chegando em direção à nova mentalidade a ser conquistada por todos.

Contar Histórias é a mais antiga das artes. Elas são fontes maravilhosas de experiências. São meios de ampliar o horizonte da criança e de aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca. É por meio do prazer ou emoções que as histórias lhe proporcionam, que o simbolismo, implícito nas tramas e personagens, vai agir em seu inconsciente. Ali atuando, ajudamos, pouco a pouco, a resolverem os conflitos interiores que normalmente vive uma criança.

Os significados simbólicos dos contos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional, quando se dá a evolução, a passagem do eu para nós. A literatura Infantil, então, e principalmente os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo a sua volta.

Dentre os muitos motivos para se contar histórias, seja dos livros de Monteiro Lobato ou das inventadas pela vovó, podemos destacar alguns para reflexão:

1. As histórias formam o gosto pela leitura - Quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para a leitura.
2. As histórias são um poderoso recurso de estimulação do desenvolvimento psicológico e moral que pode ser utilizado como recurso auxiliar da manutenção da saúde mental do indivíduo em crescimento.
3. As histórias instruem, ao enriquecer o vocabulário infantil, amplia seu mundo de idéias e conhecimentos e desenvolve a linguagem e o pensamento.
4. As histórias educam e estimulam o desenvolvimento da atenção, da imaginação, observação, memória, reflexão e linguagem.
5. As histórias cultivam a sensibilidade; e isso significa educar o espírito. A literatura e os contos de fadas dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter.
6. As histórias facilitam a adaptação da criança ao meio ambiente, pela incorporação de valores sociais e morais que ela capta da vida de seus personagens.
7. As histórias recreiam, distraem, descarregam as tensões, aliviam sobrecargas emocionais e auxiliam, muitas vezes, a resolver conflitos emocionais próprios.

Mas, como atingir essas expectativas, com formar bons leitores, se o próprio educador não gosta de ler e muito menos de contar sua experiência de leitura? No desenrolar do projeto, percebemos que se esta afirmação do desinteresse do professor pela leitura for verdadeira, poderá influenciar sobre a formação dos pequenos leitores. De acordo com Machado<sup>4</sup>, “dois fatores levam uma criança a gostar de ler: curiosidade e exemplo. Por isso é fundamental o adulto mostrar interesse”. Esta afirmação é fato concreto, constatamos que muitos alunos tendem a imitar seu professor no modo de contar as experiências de leitura: na entonação, gestos etc. O professor que em sua prática pedagógica tem o hábito de ler, contar, dialogar com seus alunos, percebe como essa prática influencia para desenvolver o gosto pela leitura nas crianças.

É importante o educador conhecer os diferentes gêneros e gostos para, então, sugerir uma leitura. O gosto pela leitura e a compreensão de sua mensagem é algo muito particular de cada ser. A informação é algo importante que influenciará no modo de pensar e agir de cada indivíduo. De acordo com Cagneti & Zotz<sup>5</sup>,

A leitura contribui, de forma decisiva, para preencher esta lacuna na formação do ser humano. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico. É fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo. Propicia o crescimento interior. Leva-nos a viver as mais di-

ferentes emoções. Possibilitando a formação de parâmetros individuais para medir e codificar nossos próprios sentimentos.

Portanto, a “Hora do Conto” ajuda a formar seres pensantes, reflexivos e críticos. No entanto, como relatam Cagneti & Zotz<sup>5</sup>, o ato de ler pode se tornar “algo indesejável quando realizado sob efeito de cobrança”. O prazer da leitura e a realização pessoal em informar-se, estão ligados ao efeito e incentivo recebido pelo mediador. Todo educador deve ser, em primeiro lugar, um leitor atuante.

### Cantinho da Leitura e a Família na Escola

Um dos desafios enfrentados por muitos professores é motivar os alunos a lerem. E isso não é só dever da escola, a família também deve apresentar à criança, desde cedo, o mundo mágico da leitura lazer. Caso alguns pais não tenham sabido disso antes, o projeto de extensão, fazendo romper as fronteiras das salas de aulas, chegou às portas de suas casas para contar as boas novas.

No início do projeto, os professores reuniram-se com os pais, tentando inculcar neles a importância de ler livros para os filhos. Percebeu-se que nos dias de hoje com a agitação, corre-corre do dia a dia, muitos pais não têm mais tempo de contar histórias às crianças; e isso é lamentável, pois elas precisam, nesta fase da vida, viver as fantasias.

O “Cantinho da Leitura” surgiu com um objetivo específico de envolver famílias, conscientizando-as da importância da leitura na escola e em casa. Assim, organizamos reuniões, “Hora do Conto” com a vovó e outros, feiras-culturais e outras atividades que resgatam de certo modo o gosto pela leitura, tanto dos alunos como dos pais participantes no projeto. Por enquanto estamos lançando as sementinhas de leitura! Cremos que um dia colheremos os frutos...

Durante as atividades realizadas, percebemos que a maioria das crianças que convive com pessoas que têm o hábito de ler, por natureza, também gosta de ler. Segundo Cagneti & Zotz<sup>5</sup>, os leitores podem nascer de muitas formas, no entanto, estudos comprovam que o desenvolvimento do interesse e hábito da leitura se faz num processo constante que se inicia com a família, reforça-se na escola e continua ao longo da vida.

Observamos que por razões históricas, sociais e econômicas algumas crianças não têm acesso a

esse arsenal de palavras escritas em casa, buscando não somente na escola o direito de apropriar-se dessa forma de comunicação e informação. Seria interessante se todas as crianças tivessem um quadro de referências culturais, para que o ato de ler tivesse um sentido em suas vidas: ler para meditar, ler para compreender os costumes de um povo, ler para produzir seus próprios textos, para discutir o lido fora da escola, com outros leitores que se interessam pelo mesmo tema. Há que se criar um elo entre o livro, o universo cultural em que ele é produzido e a realidade do leitor; criar uma infraestrutura cultural que favoreça o acesso à leitura a um número cada vez maior de leitores.

Por isso, não é fácil levar a criança a se interessar pela leitura, se o ambiente em que vive não lhe oferece o *feed back*; se a família, a escola e a comunidade não compartilharem com ela suas leituras, as emoções despertadas, os interesses e soluções alcançados, dificilmente darão ao aprendiz a sua oportunidade de descobrir a leitura, aquela que inquieta, faz pensar e reelaborar.

Caso a família e a comunidade não se juntem à escola, na criação de momentos de valorização do leitor, e da formação intelectual mais ampla, cada vez será menor o pequeno grupo de pessoas que podem trocar, intercambiar o que estão lendo, procurando luzes para a realidade em que vivem.

Mesmo a leitura literária, se feita como ato isolado, sem levar aos diálogos com outros leitores e sem extrapolar inferências relativas ao mundo conhecido dos leitores, formará talvez leitores por lazer, mas não uma cultura de leitor, que socializa seu saber e que vê, nos livros, respostas para questões surgidas.

A partir da vivência coletiva da leitura é que se pode gerar a intelectualidade brasileira, aquela que lê, num ônibus, em casa, sempre que tiver oportunidade, que reelabora sua vida, num crescente aprendizado e traça metas de participação social, para as quais as leituras serão fontes geradoras de novas formas de ação.

O ideal seria que cada família vivesse suas horas de leitura, suas discussões as mais variadas sobre o que leram, e que a escola viesse consolidar essa prática. Que os filhos soubessem que livros estão sendo lidos por seus pais, na empresa, para, junto com os colegas de trabalho, orientar sua atuação. E percebessem a satisfação que essa atividade acarreta entre os participantes do grupo.

Assim como a Igreja, a Escola Dominical, a Catequese, sozinhas não formam o cristão, a escola sozinha não forma o leitor autêntico, com sua cultura de leitor; elas só ampliarão aquilo que já foi vivido, em parte, nos lares e na comunidade. Se nas rádios, nas igrejas, nos programas de tevê, nos centros comunitários, nas instituições de ensino de todos os níveis, e nas famílias, houvesse a praxe de ler e comentar as obras lidas, com certeza, ler seria socialmente necessário, o povo teria seu senso crítico mais apurado e seu engajamento social mais definido.

### Considerações finais

Feliz a escola que valoriza a função formadora da leitura, pois seu desenvolvimento incrementa no leitor-aluno a capacidade de expressar-se, de compreender e investigar o mundo. A Escola há que estar atenta para a formação do leitor, mesmo que para isso tenha que romper as fronteiras das salas de aulas. Nesse desiderato a Escola deve estar atenta para a concepção da leitura como produção de sentido, como fonte do conhecimento e de sua responsabilidade na formação do leitor.

A Escola, incumbida então da função de promover a formação do leitor, terá que rever as condições, muitas vezes restrita, a que impõe a leitura aos seus alunos. Partindo então do pressuposto que o incentivo à leitura ainda consiste numa das maiores dificuldades para os professores, cabe salientar alguns fatores relevantes, propostos pelo projeto de extensão “Rompendo as fronteiras da sala de aula”, na tentativa de solucionar essas dificuldades: a mudança de postura de alguns profissionais; a criação de um espaço físico agradável, acolhedor e informal que vise o bem estar da criança, fazendo-a sentir-se a vontade para ali permanecer, para entregar-se à leitura com prazer e familiarizar-se com o livro; o acesso aos livros; as atividades variadas com a presença de pessoas da família e da comunidade.

Assim, ao professor incumbe não ficar adstrito ao espaço fechado da sala de aula, mas sim encarar o trabalho de leitura com seriedade, munindo-se de armas que lhe darão auxílio no direcionamento de sua prática: só ensinamos bem o que conhecemos e acreditamos.

Há muito a se discutir, refletir e pesquisar ainda, para que se consiga concretizar de maneira

efetiva, por meio do “Cantinho da Leitura”, essa audaciosa proposta do projeto de extensão “Rompendo as fronteiras da sala de aula”. Exige muito tempo também! Assim, o “Cantinho da Leitura” trata-se de um primeiro passo: para romper as fronteiras da sala de aula, romper as barreiras para melhor ensinar, visando, sobretudo, uma educação que permita ao aluno o exercício pleno de sua cidadania e o seu desenvolvimento como pessoa humana, por meio do hábito de ler como fonte de conhecimento, informação e prazer!

### Referências

1. FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão*. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996, p. 11.189 p.
2. GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: ASSOESTE, 1984, p. 95. 125 p.
3. COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000, p.27. 287p.
4. MACHADO, Ana Maria. *Mais que alfabetizar*. Revista Nova Escola, v.1, n. 145, p.20-22, set.2001.
5. CAGNETI, Suely de Souza. ZOTZ, Wemer. *Livro que te quero te ver livre*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986, 252p.

### Abstract

In 2004, an extension project entitled “Breaking the boundaries of the classroom” began in the State School *Edwirges Derzi Coelho* in the city of *Deodápolis* – MS. The project aimed at getting children to develop reading skills and their ability to express themselves, to use reasoning and to understand the world and investigate it from the first years of school. This experiment report reflects upon the importance of investing in training for new readers, assuming that reading can be used as a mechanism for leisure, culture and education.

**Keywords:** extension; school; reading.